

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE VETERINÁRIA

MILÂNIA SUIÃ DE PAIVA

**FELINOS DOMÉSTICOS: COMPORTAMENTOS INDESEJÁVEIS E
ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL**

PORTO ALEGRE

2020/1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE VETERINÁRIA

**FELINOS DOMÉSTICOS: COMPORTAMENTOS INDESEJÁVEIS E
ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL**

Autor: Milânia Suiã de Paiva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Veterinária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Medicina Veterinária.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Susana Cardoso

PORTO ALEGRE

2020/1

CIP - CATALOGAÇÃO DA PUBLICAÇÃO

MILÂNIA SUIÃ DE PAIVA

**FELINOS DOMÉSTICOS: COMPORTAMENTOS INDESEJÁVEIS E
ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL**

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Susana Cardoso - UFRGS

Orientadora

Prof. Dr. André Silva Carissimi - UFRGS

Examinador

Prof. Dr. Rui Fernando Felix Lopes - UFRGS

Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente a minha mãe Sueli e a minha irmã Meise, por sempre me incentivarem a alcançar meus sonhos e objetivos e por serem meus maiores exemplos de mãe, mulher, filha e amiga.

Ao meu irmão Mártin, que sempre me apoiou mesmo de longe.

Aos meus sobrinhos Fábio, Lorenzo e Sophia, por serem luz em minha vida e alegrarem os meus dias.

As minhas amigas Alessandra, Andressa, Bibiana, Camila C., Camila L., Cláudia, Daniele, Gabriella, Janaína, Karem, Mirele, Pâmela, Treicyanne, e a meu amigo Vinicius, por sempre estarem presentes em todos os momentos, pelas risadas, pelas rodas de conversa e chimarrão e por todo o carinho.

À minha professora e orientadora Dra. Susana Cardoso, por toda paciência, compreensão, apoio, ensinamentos, carinho e dedicação, e por ser uma inspiração.

Agradeço aos professores Dr. André e Dr. Rui, por comporem a banca avaliadora, por serem parte de minha trajetória e por sempre demonstrarem carinho e empatia não só a mim, mas aos meus colegas também.

À UFRGS, pelo ensino de excelência e por todas as oportunidades durante os anos de graduação.

As minhas afilhadas Luísa, Brenda, Millena, Sophia e Analúh e as suas mães que compreenderam a minha ausência durante um período muito grande de suas vidas.

E a muitas outras pessoas que fizeram parte dessa longa caminhada da minha graduação.

Desde criança sonho em me tornar uma profissional da área de medicina veterinária e poder ajudar os animais. Minha motivação sempre foram os meus filhos e irmãos de quatro patas. Então, muito obrigada por serem minha maior influência White, Negão, Puma, Fofa, Neguinha, Neguinho e muitos outros que estarão sempre presentes em minha memória.

Obrigada!

*“Por mais árdua que seja a luta,
por mais distante que um ideal se apresente,
por mais difícil que seja a caminhada,
existe sempre uma maneira de vencer:
A nossa dedicação.”*

Autor desconhecido.

RESUMO

O comportamento natural dos felinos domésticos ainda é desconhecido pela maioria dos médicos veterinários e por grande parte dos tutores. A espécie felina tem muitas características comportamentais diferentes das demais espécies domésticas. É comprovado que os problemas comportamentais são as principais causas de abandono e eutanásia em gatos saudáveis, porém a maioria dos comportamentos considerados indesejáveis e inadequados pelos humanos, na verdade são comportamentos naturais da espécie. É preciso identificar os fatores estressantes que causam as mudanças comportamentais nos gatos domésticos, e cabe ao médico veterinário instruir os tutores sobre o manejo adequado, características do ambiente doméstico recomendado e como realizar uma boa interação entre felino doméstico-humano e/ou felino doméstico-outros animais. Esse trabalho objetiva descrever os principais comportamentos reconhecidos como inadequados para felinos domésticos e também apresentar possibilidades de enriquecimento ambiental, simples e fáceis de serem incrementados no cotidiano, visando melhorar o bem-estar dos gatos e permitir uma vida mais feliz e próxima do que seria no seu ambiente natural.

Palavras-chave: Agressividade. Bem-estar. Micção inapropriada. Vocalização. Gatos.

ABSTRACT

The natural behavior of domestic cats is still unknown to most veterinarians and most tutors. The feline species has many different behavioral characteristics than other domestic species. It is proven that behavioral problems are the main cause of abandonment and euthanasia in healthy cats, however most of the behaviors considered undesirable and inadequate by humans, in fact are natural behaviors of the species. It is necessary to identify the stressors that cause behavioral changes in domestic cats, and it is up to the veterinarian to instruct tutors on proper handling, characteristics of the recommended domestic environment and how to perform a good interaction between domestic-human and / or domestic feline- other animals. This work aims to describe the main behaviors recognized as inappropriate for domestic cats and also to present possibilities of environmental enrichment, simple and easy to be increased in daily life, aiming to improve the well-being of cats and allow a happier and closer life than it would be in the past. its natural environment.

Keywords: *Aggressiveness. Welfare. Inappropriate urination. Vocalization. Cats.*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	DESENVOLVIMENTO DE FELINOS DOMÉSTICOS	10
3	COMPORTAMENTOS INDESEJÁVEIS DE FELINOS DOMÉSTICOS	11
3.1	Defecação/micção em local inapropriado de felinos domésticos	11
3.2	Agressividade em felinos domésticos	13
3.2.1	Agressividade por falta de socialização	14
3.2.2	Agressividade entre felinos domésticos	15
3.2.3	Agressividade induzida por afagos	16
3.2.4	Agressividade por medo/defensiva	16
3.2.5	Agressividade relacionada à brincadeira	17
3.2.6	Agressividade relacionada à defesa territorial e ao <i>status</i>	18
3.3	Vocalização excessiva de felinos domésticos	19
3.4	Arranhaduras de felinos domésticos	20
3.5	Alopecia psicogênica/lambedura excessiva em felinos domésticos	20
4	ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL PARA FELINOS DOMÉSTICOS	22
4.1	Enriquecimento ambiental alimentar	23
4.2	Enriquecimento ambiental social	24
4.3	Enriquecimento ambiental físico	25
4.3.1	Arranhadores para felinos domésticos	26
4.3.2	Caixas de areia para felinos domésticos	26
4.4	Enriquecimento ambiental sensorial	27
4.5	Enriquecimento ambiental cognitivo	28
5	CONCLUSÃO	30
	REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Na metade do século XX, os animais de estimação passaram a ser considerados membros da família. Pesquisas apontam que os tutores valorizam o carinho e a companhia de seus gatos, aumentando assim suas perspectivas de vida. Ainda assim, alguns milhões de animais que não têm a sorte de encontrar famílias que consigam fornecer condições ambientais adequadas, que garantam a saúde e sanidade, assim como uma interação correta com humanos e outros animais ou os animais que não se adaptam bem à rotina (BENNETT *et al.*, 2017), acabam tendo comportamentos que são considerados indesejáveis pelos humanos e podem vir a ser abandonados (BENNETT *et al.*, 2017; MCGLONE *et al.*, 2018).

A *Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals* (RSPCA), uma organização sem fins lucrativos da Austrália, recebeu 52.804 gatos domésticos no período de 2014 a 2015, que foram abandonados por terem comportamentos considerados inapropriados pelos seus tutores e, desses, 17.398 (32,95 %) foram eutanasiados (BENNETT *et al.*, 2017).

Os comportamentos indesejáveis em gatos são na verdade os comportamentos naturais da espécie, porém percebidos como problemáticos por seus tutores (GAZZANO *et al.*, 2015). Existem algumas peculiaridades da espécie que devem ser levadas em consideração, como a inatividade na maior parte do dia, o seu ambiente natural, o comportamento social exploratório e predatório, assim como a sua capacidade de adaptação às diversas situações e ambientes (WEST, 1974; CARO, 1981).

Gatos que vivem apenas em áreas internas têm mais chances de desenvolverem problemas comportamentais do que os que têm acesso a áreas externas (GAZZANO *et al.*, 2015) e a maior parte dos problemas e alterações comportamentais podem estar relacionados com doenças, sendo muito importante primeiramente descartar tais enfermidades (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005; BENNETT. *et al.*, 2017). Segundo o Censo Pet de 2018, foram contabilizados 23,9 milhões de gatos no Brasil sendo que no Rio Grande do Sul havia 7,2 % (1,72 milhões) destes animais (INSTITUTO PET BRASIL, 2018). Desde 2013, o número de famílias que optaram por ter esses animais de companhia, poder dar e receber o seu afeto, aumentou em 8,1 % e este aumento foi correlacionado ao maior número de pessoas que moram sozinhas e às menores áreas físicas de muitas das residências, necessitando assim de animais que o cuidado seja mais simples ou que exijam menos espaço, justificando o maior crescimento da população felina como animal de estimação (INSTITUTO PET BRASIL, 2018).

Segundo Paz, Machado e Costa (2017) que numa pesquisa realizada em 2013 no Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (HCV-UFRGS), verificaram que os problemas comportamentais mais comuns em gatos domésticos foram arranhadura em móveis (61,3 %), seguido de agressividade (45,3 %), eliminação inapropriada (38,6 %), vocalização excessiva (26 %), distúrbios auto-lesivos (11,7 %) e ansiedade (7,5 %). Esses resultados vão ao encontro com o descrito em relatos anteriores (RAMOS; PAULINO; RECHE-JUNIOR, 2015; BENNETT *et al.*, 2017).

Uma possibilidade de amenizar ou até mesmo extinguir esses comportamentos indesejados é a implementação de enriquecimento ambiental, onde busca-se acrescentar ao ambiente doméstico onde os felinos vivem, estruturas ambientais e ferramentas para simular o ambiente natural da espécie. As formas de enriquecimento ambiental mais descritas na literatura são a alimentar, social, física, cognitiva e sensorial (HEATH; WILSON, 2014; ALHO; POMBA, 2016). Overall (2004) menciona que a prevenção e detecção precoce de distúrbios de comportamento são mais eficazes do que a tentativa de cura quando o distúrbio já está estabelecido em um gato adulto.

Esse trabalho objetiva descrever os principais comportamentos reconhecidos como inadequados para felinos domésticos e também apresentar possibilidades de enriquecimento ambiental para reduzir ou evitar tais comportamentos.

2 DESENVOLVIMENTO DE FELINOS DOMÉSTICOS

Jongman (2007) menciona que um dos principais fatores de risco de abandono de animais é o tutor não saber como é o comportamento considerado natural da espécie e para isso é importante compreender as características de seu desenvolvimento.

O período gestacional do felino doméstico compreende aproximadamente dois meses ao nascer permanecem com os olhos e orelhas fechados até próximo aos 15 dias de vida. No período neonatal, o gato depende completamente de sua mãe, quando além de amamentar ela precisa estimular o filhote a urinar e evacuar por meio de lambeduras na região genital e mantê-lo limpo. Esse período é marcado pelo aleitamento e sono (JONGMAN, 2007).

Na segunda semana, começa o período transicional com o desenvolvimento sensorial e da locomoção, começam a andar e não mais a rastejar, abrem os olhos e ouvidos. A partir da terceira semana até a sétima ou nona semana de idade, se tem o período de socialização no qual eles começam a brincar com os irmãos e a mãe, aprendem a conhecer os limites de conviver com outros seres, e não depender exclusivamente do aleitamento materno. Junto com as brincadeiras é estimulado o instinto predatório, quando o felino desenvolve a habilidade de caçar (DIAS, 2009).

O período juvenil se estende até seis a doze meses de idade, quando ocorre a maturação sexual. As fêmeas entram no período caracterizado como cio, os machos quando não castrados e vivendo em lares não restritos possuem a tendência de explorar o território em busca de uma companheira para acasalar. Esse também é um período que compreende as brigas entre os machos justamente pela limitação e defesa de território, como também por disputas por fêmeas (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005; JONGMAN, 2007).

A influência do ambiente pode ter ação sobre o comportamento dos gatos antes mesmo do seu nascimento. Filhotes que são separados de suas mães e manuseados muito cedo têm mais medo de outros gatos e humanos, e demoram mais para aprender (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005). Além disso, os pais dos gatinhos podem ter medo ou mostrar instintos naturais muito fortes, sendo que estas características são hereditárias e podem tornar alguns gatos inadequados para viver em locais confinados e para se relacionarem com as pessoas (JONGMAN, 2007; DIAS, 2009).

3 COMPORTAMENTOS INDESEJÁVEIS DE FELINOS DOMÉSTICOS

Comportamentos considerados indesejáveis pelos tutores tais como subir em cortinas e prateleiras e quebrar objetos, são na verdade os comportamentos naturais da espécie, porém, percebidos como problemáticos por se tratar de residências e não ambientes naturais (GAZZANO *et al.*, 2015). Na busca de justificativa para os comportamentos indesejáveis, é possível supor que se necessite de um gatilho ambiental para que esses comportamentos sejam expressos (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005).

Uma ferramenta que pode ser bem útil na avaliação do comportamento de um felino é a gravação de um vídeo do gato em seu ambiente (BAIN; STELOW, 2014). Ainda que o tutor possa considerar que não seja importante, na maioria das vezes o médico veterinário com este recurso consegue identificar sinais sutis de comportamentos que possam levar a uma motivação subjacente. Uma filmagem do gato na área em que ele costuma descansar pode mostrar se ele se sente confortável ou não quando é abordado durante seu repouso. Também podem vir a mostrar sinais clínicos discretos o pupilas dilatadas ou postura corporal ligeiramente agachada.

Ocasionalmente, o vídeo pode apresentar a forma como o tutor interage com seu animal, se é de uma maneira inadequada, assim como forçá-lo a ficar em um local que ele não deseja. Além disso, a filmagem pode mostrar um panorama geral da casa, mostrar os locais onde estão dispostas as vasilhas de água e caixas sanitárias e possibilitar a sugestão de mudanças que sejam benéficas na relação gato-homem (BAIN; STELOW, 2014).

3.1 Defecação/micção em local inapropriado de felinos domésticos

Evacuações em locais inapropriados referem-se às necessidades fisiológicas do felino doméstico, como o ato de urinar e defecar, porém em locais que não são considerados adequados por seus tutores. Normalmente, gatos domiciliados e restritos a ambientes internos possuem uma caixa sanitária para fazer essas necessidades. Esse é o comportamento mais comum pelo qual tutores procuram ajuda e o que mais causa abandonos de animais (BARCELOS *et al.*, 2018; MCGLONE *et al.*, 2018; RAMOS *et al.*, 2020).

Esse tipo de comportamento geralmente está associado à caixa sanitária estar em um local inapropriado (MCGLONE *et al.*, 2018; RAMOS *et al.*, 2020), conter ou ser de um material que é aversivo ao gato, tamanho incorreto, o número de bandejas estar incompatível com o número de felinos no mesmo ambiente, má higienização, acúmulo de resíduos

(JONGMAN, 2007; MILLS *et al.*, 2020), odores fortes como de desinfetantes, ou alguma experiência negativa relacionada a caixa de areia, podem fazer com que o felino evite usá-la, ou até mesmo a introdução de uma pessoa ou animal novo (BARCELOS *et al.*, 2018); estas podem ser as causas quando descartadas doenças subjacentes (MILLS *et al.*, 2020). Caixas sanitárias que podem ter sido colocadas em locais que tenham muito trânsito de pessoas, locais que são de difícil acesso aos animais, barulhentos ou que o gato precise se confrontar com outro animal, predispondo em muito a atividade de micção e defecação em locais considerados inapropriados pelos tutores (STELLA; CRONEYA; BUFFINGTONB, 2013; BARCELOS *et al.*, 2018).

O gato também pode ter sido severamente punido por qualquer motivo (AMAT; CAMPS; MANTECA, 2015; BARCELOS *et al.*, 2018), e por isso procure outro local de preferência isolado para realizar suas necessidades, ou até mesmo por ter descoberto uma nova superfície e local que se torne o preferido dele (BARCELOS *et al.*, 2018). De acordo, com Barcelos *et al.* (2018), o aumento da densidade de gatos em um determinado ambiente, pode ativar o comportamento de marcação de território. Nesse caso, a urina é borrifada, ao contrário da micção inapropriada, onde se observa uma considerável quantidade de urina. Quando a urina é borrifada, o gato fica sobre as quatro patas, enrije-se e treme a cauda dirigindo um pequeno jato de urina e só será encontrada uma grande quantidade de urina quando o felino estiver direcionando a marcação para uma pessoa, encontrando assim, urina em suas roupas e pertences particulares (BORNS-WEIL, 2019; RAMOS *et al.*, 2020).

Residências com muitos gatos podem ser um desafio e dificultar a descoberta de qual deles está tendo essa atitude, sendo que a incidência entre machos e fêmeas é considerada igual. A evacuação pode ocorrer em qualquer área de superfície, ou o animal pode escolher locais específicos de sua preferência para evacuar (BORNS-WEIL, 2019; RAMOS *et al.*, 2020). Estresse, problemas médicos, marcação de território, podem ser algumas das causas desse tipo de comportamento (BORNS-WEIL, 2019; RAMOS *et al.*, 2020).

Os objetos demarcados por evacuação podem ser janelas e portas, o que indica que o felino está mostrando para um animal de rua que ali é seu território. Sacolas ou objetos trazidos de fora, ou que resultam em uma resposta a novos estímulos, podem estar relacionados a atritos entre os gatos presentes na casa. Assim, tanto o agressor, como o agredido, pode realizar a demarcação tendo como alvo paredes internas e objetos (AMAT; CAMPS; MANTECA, 2015). A utilização de fezes para determinação de território é rara (BORNS-WEIL, 2019).

Em um estudo referente à marcação com urina, a maioria dos tutores relatou que os veterinários não alertaram sobre a possibilidade deste tipo de comportamento. Entretanto, àqueles que foram informados e conseguiram juntar informações sobre o histórico desse comportamento, conseguiram diagnosticar e tratar o problema corretamente (BAIN; STELOW, 2014).

3.2 Agressividade em felinos domésticos

A agressividade é o segundo comportamento indesejável mais comum relatado pelos tutores, ficando em primeiro lugar a micção e defecação em locais inapropriados (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005).

Gatos que não socializam com outras espécies antes das oito semanas de idade tendem a desenvolver comportamentos agressivos tanto com pessoas, como outros animais, tornando-se adultos menos sociáveis e que demonstram medo (AMAT; CAMPS; MANTECA, 2015).

A agressão faz parte da comunicação social natural das espécies. Quando a agressão é causada por medo, defesa de território ou hierarquia, pode incluir também a comunicação visual, auditiva, componentes táteis e olfato. A comunicação ocorre quando o gato responde aos sinais enviados por outro animal e, ainda que um felino reconheça e entenda o que outro está comunicando, os humanos agem intuitivamente com o gato, e assim, interpretam erroneamente o que ele está transmitindo (BAIN; STELOW, 2014).

Agressividade é uma resposta de ameaça ou uma ação danosa onde o indivíduo alvo responde de modo contrário e a forma mais importante de demonstração de agressão é quando o animal começa a aumentar a distância entre ele e o foco da agressão (BAIN; STELOW, 2014).

A agressão envolve outros comportamentos como postura corporal, expressões faciais leves e ataques que podem ser violentos (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005). Os tutores reconhecem frequentemente como um sinal precoce de agressão iminente o balançar da cauda de um lado para o outro e muitas vezes associado com a piloereção e também podem ocorrer vocalizações que são classificadas como intensas, sendo observados sons principalmente como o uivo, rosnar, assobiar e cuspir (BAIN; STELOW, 2014).

Fatores que favorecem a agressão expressada por felinos domésticos podem ter ligação com um número elevado de gatos em um mesmo ambiente ou de espaço físico reduzido para um único animal (HORTIZ; NEILSON, 2007).

Muitos tutores têm atitudes que são ineficazes e que podem atrapalhar o tratamento desses animais, tais como gritar e bater nos mesmos, sendo que essas atitudes só aumentam a ansiedade dos gatos e podem aumentar o risco de lesão aos membros da família. Outro erro comum é afagar ou oferecer recompensas alimentares para tranquilizar, sendo que esse erro normalmente é intencional, pois o intuito é acalmar o animal e diminuir a agressão, mas a situação de agressão pode piorar quando o gato percebe que reagindo de certas formas pode fugir de situações indesejadas (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005). Ademais, foi demonstrado que o estresse reduz o controle de impulsos, levando assim a agressão (BAIN; STELOW, 2014).

Mesmo a agressão a pessoas sendo a queixa principal, sempre é relevante coletar informações sobre qualquer problema comportamental e também de como esse animal interage com outros animais, com visitas e outras pessoas com as quais já tiveram um breve contato (BAIN; STELOW, 2014).

Ao médico veterinário cabe avaliar detalhadamente o paciente, analisando a sua saúde física para verificar se não existe alguma doença subjacente que possa estar contribuindo para o quadro de agressão e ponderar os efeitos que isso possa ter no tratamento (MILLS *et al.*, 2020).

Doenças dolorosas, como artrites, infecções urinárias ou que afetam o sistema nervoso central, declínio sensorial e desequilíbrios endócrinos e a disfunção cognitiva em gatos idosos, podem afetar o comportamento (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005).

Sempre é adequado induzir os tutores a pensar nos processos que desencadearam as agressões, como por exemplo, o que aconteceu antes do incidente, o que aconteceu durante e o que a pessoa e o gato fizeram depois (BAIN; STELOW, 2014).

3.2.1 Agressividade por falta de socialização

Segundo Oliveira *et al.* (2011), a domesticação é um processo que abrange uma contínua associação entre o homem e os animais sendo significativo em termos evolutivos e biológicos. O animal domesticado pode passar para seus descendentes características tais como sociabilidade, mansidão, perpetuação da espécie em cativeiro e facilidade de adaptação ambiental. Quando os gatos passaram a ser domesticados, aprenderam a viver em comunidade social com a sua própria espécie e com espécies diferentes, incluindo o ser humano (BAIN; STELOW, 2014).

Ao contrário do que muitos pensam, os felinos domésticos são uma espécie muito sociável e muitos estudos comprovam que os gatos criam vínculos afetivos com outros gatos bem como com os humanos (BAIN; STELOW, 2014). Entretanto, é importante realçar que gatos que não socializam até as oito semanas de idade, tendem a desenvolver comportamentos agressivos, tornando-se adultos menos sociáveis com pessoas e outros animais (AMAT; CAMPS; MANTECA, 2015; MCGLONE *et al.*, 2018).

A socialização precoce com as pessoas, envolvendo o manuseio de gatinhos durante as primeiras semanas de vida, torna os filhotes mais amigáveis e estes apresentam menor demonstração de medo relacionado ao humano (HORWITZ; RODAN, 2018). Ademais, segundo evidências, os gatinhos que são criados longe de suas mães, ou seja, criados com mamadeira, demonstram ser mais agressivos (BAIN; STELOW, 2014).

Existem evidências sobre a influência da genética no comportamento dos gatos, uma delas é referente à cor dos pelos, indicando que gatos do sexo feminino com as cores de carapaça de tartaruga, preta e laranja, são mais agressivos com as pessoas. Já gatos machos, com a coloração preta e branca, são mais agressivos com outros gatos e com os humanos (BAIN; STELOW, 2014).

3.2.2 Agressividade entre felinos domésticos

Quando ocorre esse tipo de agressão, na interação entre os gatos existem elementos de agressividade que são observados como rosnados, cauda batendo, bufadas, piloereção, modificações na posição das orelhas, tamanho e dilatação das pupilas, postura das costas, perseguições, ataques e mordidas (HORTIZ; NEILSON, 2007). Também não é incomum que os gatos sejam agredidos ou agredam a outro quando um deles fica fora de casa e depois retorna, o que pode causar alterações hormonais (feromônios), ansiedade ou até mesmo a forma como o animal passa a olhar, andar e agir após o seu retorno sendo que estes elementos podem estar relacionados ao território, ao medo ou a própria defesa (AMAT; CAMPS; MANTECA, 2015). Quando um novo gato é introduzido na casa, medo e ansiedade podem ser aspectos visíveis, ou seja, experiências anteriores com outros felinos podem influenciar na maneira como o gato vai reagir à nova introdução.

Segundo Morgan e Houpt (1989), podem ocorrer agressões entre um ou vários gatos já presentes no ambiente e, conforme a idade for avançando, a relação entre eles pode mudar. Além disso, os autores afirmam que podem ocorrer episódios de agressão quando se tem uma mudança no grupo social de pessoas ou animais que frequentam a casa ou alterações

importantes no ambiente, como por exemplo, o local onde o gato costuma dormir, ou comer, ou onde fica a caixa de areia. A maioria desses problemas pode ser resolvida com o passar do tempo se os felinos tiverem espaço para circulação, esconderijos e puderem evitar a interação um com o outro até estarem bem novamente.

3.2.3 3Agressividade induzida por afagos

Landsberg, Hunthausen, Ackerman (2005) e Hortiz e Neilson (2007), mencionam que alguns gatos parecem ter um limite sobre o tempo e a intensidade de carinho que vão tolerar. Esse tipo de agressão ocorre durante a carícia de humanos ao felino, quando subitamente o animal morde a pessoa que está lhe fazendo um afago, e assim dando o sinal de que não deseja mais ser acariciado.

Um tutor que costuma observar atentamente o comportamento de seu felino normalmente consegue prever quando a mordedura irá ocorrer, pois no início do afago o animal apresenta-se calmo e confortável enquanto recebe o carinho, depois ele costuma expressar os mesmos comportamentos como inquietação, bater de cauda, tensão, tenta escapar, retração dos lábios e as orelhas ficam baixas e rentes à cabeça (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005).

Landsberg, Hunthausen e Ackerman (2005), mencionam que as mordidas podem ser superficiais ou vir a causar um grave dano aos tutores e que em outros tipos de agressões costuma-se observar vocalizações, porém, nas agressividades causadas por afagos isso não é provável. Este tipo de agressão normalmente é interrompido quando a carícia é cessada e após o ato, os gatos tendem a abandonar o local (HORTIZ; NEILSON, 2007).

3.2.4 Agressividade por medo/defensiva

O medo é a principal motivação para que os gatos se tornem agressivos (BAIN; STELOW, 2014). As causas mais comuns são punições e socialização inadequadas (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005). Excitação e fugas ativas caracterizam o medo e levam a uma agressão defensiva (HORTIZ; NEILSON, 2007).

A agressão poderá ser direcionada para a pessoa ou animal mais próximo e normalmente a agressividade por medo é denominada como agressão por defesa. O último recurso como tentativa de evitar uma situação de medo utilizado pelos felinos é o contato

físico e nessas situações, geralmente o gato tentará se esconder ou até mesmo ir embora antes de agredir. Esse comportamento tende a aumentar quando a fuga é impedida (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005) e inicia com advertências vocais e posturais (HORTIZ; NEILSON, 2007).

Gatos com medo ficam com as orelhas rentes a cabeça e o corpo e a cauda abaixados (CURTIS, 2008) e inclinação no sentido contrário do estímulo amedrontador (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005). Os felinos dilatam suas pupilas, olham fixamente, dão patadas e se não conseguirem fugir, avançam com as garras e dentes (HORTIZ; NEILSON, 2007), dão mordidas e arranhões (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005). Também pode ocorrer a defecação e micção em consequência do medo (HORTIZ; NEILSON, 2007). Quando essa agressão é direcionada, o felino procura evitar a pessoa, mas se não consegue evitar, ou é encurralado, ou se sente ameaçado, vê como única alternativa atacar (CURTIS, 2008).

3.2.5 Agressividade relacionada à brincadeira

A agressividade ocasionada por brincadeira é a que ocorre normalmente em gatos filhotes e jovens (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005), com menos de dois anos e pode ser dirigida a outros gatos do domicílio ou às pessoas (HORTIZ; NEILSON, 2007) e pode ocorrer em conjunto com atitudes predatórias ou agressivas (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005).

O comportamento tipo predatório tem início por volta do terceiro mês de idade, sendo que as brincadeiras em geral envolvem mordidas leves e arranhaduras (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005). Curtis (2008) descreve que ainda não se sabe o motivo dos felinos escolhem um determinado alvo e que durante a brincadeira o gato pode atacar, mas antes disso ele se agacha à espera, persegue seu alvo e balança a sua cauda como se estivesse com espasmos. O autor também relata que, além disso, as orelhas ficam voltadas para frente, o olhar é fixo, normalmente estão em silêncio e Bain e Stelow (2014) complementam que neste tipo de agressão os gatos atacam a pessoa como se fosse um brinquedo.

Esse tipo de agressão é mais comumente observado em gatos que não tiveram companheiros de ninhada na sua criação ou que cresceram sem outros gatos com quem brincar (CURTIS, 2008).

O felino tem como alvo objetos em movimento e ataca em resposta a movimentos feitos com os membros humanos como mãos e pés. Os tutores erroneamente costumam estimular esse tipo de comportamento quando eles provocam os gatos para atacarem e perseguir suas mãos e pés, ou quando permitem que o gato morda fortemente sua mão. Conforme o animal cresce, essas atitudes tendem a diminuir, a não ser que continuem sendo estimuladas (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005).

Morgan e Houpt (1989) relatam que a maioria dos casos desse tipo de agressão ocorre em lares que possuem um único gato, onde o animal não teve a oportunidade de se desenvolver com brincadeiras consideradas normais com um companheiro. Os autores descrevem também maior incidência deste comportamento quando o ambiente não é enriquecido, quando o animal é solitário ou quando o outro gato ou animal que convive junto não tem o costume de brincar, ou é idoso ou mais fraco, e podem ocorrer problemas quando não toleram mais as brincadeiras.

Motivos que devem ser levados em consideração para tratar gatos que apresentam este tipo de agressividade são, por exemplo, quando as brincadeiras começam a ser voltadas para o rosto das pessoas, quando crianças pequenas se tornam alvos, quando as mordidas são frequentes, fortes e profundas, quando a brincadeira impede que os tutores consigam dormir, entre outros (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005).

3.2.6 Agressividade relacionada à defesa territorial e ao status

Na agressividade territorial, a intenção desse tipo de comportamento (HORTIZ; NEILSON, 2007) expressado por muitas espécies, tem como objetivo expulsar ou manter um indivíduo em seu território (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005). Os felinos costumam limitar seu território vigiando, esfregando o queixo, borrifando urina ou até mesmo urinando (HORTIZ; NEILSON, 2007).

O felino pode ter um comportamento em que se mantenha espreitando lentamente ou pode ter reações agressivas imediatas contra o intruso, manifestando rosnados, gritos e piloereção (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005).

O intuito de afastar os outros é para proteger seus recursos, como comida, água, reprodução, abrigo e brinquedos. Ao iniciar esse conflito, ou o inimigo se afasta, ou se inicia uma luta. Conforme a distância de seu espaço aumenta, a intensidade da agressão diminui (HORTIZ; NEILSON, 2007).

Um gato agressivo e confiante tenta fazer seu corpo parecer maior, então inclina a sua cabeça para frente, a base da cauda fica elevada e com a ponta para baixo. Olha fixamente na direção do seu objeto de agressão. Assim, ele parece maior e também em posição de comando (BAIN; STELOW, 2014). O gato tipicamente com esse comportamento é mais atrevido, se aproximando e atacando outros indivíduos, mesmo que visitantes fiquem parados, eles podem dar tapas e mordidas (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005).

A agressividade territorial pode ser voltada a animais e pessoas que já estejam habituadas ao ambiente, sendo normalmente visto contra outros gatos. A agressão entre machos se torna frequente quando eles atingem maturidade sexual e esse comportamento é impulsionado pela liberação de hormônios sexuais (MORGAN; HOUP, 1989).

Curtis (2008) descreve a agressão relacionada ao *status* felino quando ele reage de forma agressiva respondendo às tentativas de fazê-lo realizar algo que não deseja, tal como ser segurado no colo ou movê-lo de onde está.

Também pode ser associada à agressão por defesa territorial (HORTIZ; NEILSON, 2007), por medo, predatória, por brincadeira ou induzida por afago. Gatos com esse comportamento agressivo relacionado ao *status* mostram-se confiantes, comumente apresentam-se com as orelhas eretas e com movimentos laterais, e sua postura é rígida. Demonstrem por meio de mordidas ou ameaças quando o tutor ou alguma outra pessoa tenta se aproximar ou manipulá-los. Atitudes como busca por atenção, bloqueio de passagem e recusa a ser retirado de locais, podem ser considerados de *status* e ocorrem tanto em fêmeas como com machos. Essa forma de agressão é a menos descrita na literatura (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005).

3.3 Vocalização excessiva de felinos domésticos

A vocalização excessiva pode estar relacionada à busca por atenção, dor, fome (principalmente em animais que estejam em restrição alimentar para perda de peso) e desorientação em casos de gatos idosos, marcação de território, agressividade, ansiedade e no caso das fêmeas no período que estão no estro, onde o felino doméstico permanece um maior período miando e normalmente com um volume mais alto (MORGAN; HOUP, 1989).

O comportamento se torna inapropriado para os tutores a partir do momento que os sons emitidos são repetitivos, altos e incontroláveis. As reclamações surgem justamente porque os gatos costumam vocalizar em momentos que os tutores estão dormindo, descansando ou envolvidos em alguma tarefa (HORTIZ; NEILSON, 2007). Conhecer o

período e a forma que esse comportamento se manifesta pode ajudar no diagnóstico (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005).

Esse tipo de comportamento é mais observado nas raças de felinos orientais, como os da raça Siamês, porém, pode ocorrer com quase todos os gatos. Os felinos são mais ativos ao amanhecer, sendo este o período que é comum ser observadas as vocalizações excessivas (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005).

Gazzano *et al.* (2015), descrevem que a vocalização excessiva tem uma ligação direta com a relação gato-humano, sendo difícil reverter o caso pela questão de grande tempo que deve ser investido para que isso ocorra. Por não perceberem o erro ao recompensar seus felinos quando estão vocalizando, os tutores acabam reforçando irrefletidamente o comportamento que se tornou irritante.

3.4 Arranhaduras de felinos domésticos

O comportamento de arranhadura, que é o ato de deixar ranhuras ou riscos em superfícies, faz parte do comportamento natural dos felinos, estando relacionada à marcação de território, a afiar e aparar as unhas ou remover sujidades presas nas suas garras. A marcação de território pode ser visual ou por meio de odores, produzidos pelas glândulas sebáceas das patas, coxins podais (FRITSCHER; JAMES, 2016). Os felinos tendem a praticar esse tipo de comportamento logo após o despertar, para demarcar os locais onde costumam passar a maior parte do tempo (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005).

O que incomoda os tutores são as arranhaduras dirigidas aos objetos da casa (HORTIZ; NEILSON, 2007), e assim os destruindo, ou voltada às pessoas. Isso ocorre se o gato julgar que o arranhador está em um local inadequado ou for inexistente. Morgan e Houpt (1989) mencionam que o nível de estrago dos objetos pode ser intensificado conforme o número de gatos presentes no imóvel. Os objetos frequentemente arranhados são sofás, caixas de som, degraus de escadas, paredes e tapetes.

3.5 Alopecia psicogênica/lambedura excessiva em felinos domésticos

A alopecia psicogênica é uma dermatopatia causada por uma lambedura compulsiva do pelume do felino doméstico motivada por um nível elevado de estresse (MILLS *et al.*, 2020). Gatos utilizam cerca de 30 a 50% do seu tempo para se higienizar minuciosamente e, quando essa higiene é exagerada, podem ocorrer áreas de alopecia (TALAMONTI;

CANNAS; PALESTRINI, 2017), que podem ocorrer em todo o corpo ou apenas em algumas regiões como o abdômen, flanco ou membros torácicos (MILLS et al., 2020).

Amat, Camps e Manteca (2015) descrevem que a alopecia psicogênica pode ser resultante de conflitos ou frustrações que o animal possa estar vivendo, como um ambiente de estresse, ansiedade, ou ao confinamento. Pode estar relacionada com novos animais ou pessoas no ambiente, mudança de hábitos do tutor, punições inapropriadas, falta de estímulos com brinquedos, alteração do lugar dos arranhadores, assim como diminuir o nível de atenção e supervisão ao felino.

O diagnóstico de alopecia psicogênica é confirmado a partir do momento em que se descartam outras doenças subjacentes, tanto dermatológicas, como fisiológicas. Assim, deve-se realizar um exame completo incluindo raspados cutâneos, culturas, biópsia, hemograma, avaliação endócrina, entre outros (TALAMONTI; CANNAS; PALESTRINI, 2017).

4 ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL PARA FELINOS DOMÉSTICOS

O conceito mais utilizado e considerado o mais atual, refere-se ao enriquecimento ambiental como uma modificação das estruturas ambientais que tornam o ambiente mais dinâmico, de maneira que o animal consiga desempenhar e desfrutar de comportamentos e habilidades consideradas normais da espécie (ELLIS *et al.*, 2013).

O enriquecimento ambiental tem como objetivo melhorar e ajudar a desenvolver os animais fisicamente e mentalmente, propiciando à eles um ambiente complexo que atenda a todas as suas necessidades comportamentais e garantindo o bem-estar. Para realizar essas mudanças no ambiente, deve-se primeiramente descobrir e entender as necessidades de cada espécie, especialmente os felinos domésticos, visto que, existe uma grande diferença em relação ao comportamento social quando comparado com o ser humano (HEATH; WILSON, 2014).

De acordo com Young (2003); Ellis *et al.* (2013); e Heath e Wilson (2014) o estresse é considerado um grande influenciador no comportamento e desencadeador de enfermidades em gatos domiciliados, por isso, é de suma importância realizar modificações no ambiente, tornando-o mais atrativo e gerando situações parecidas com o ambiente natural, para que não só haja aumento do bem-estar e diminuição da previsibilidade e estresse, como também atue na prevenção e tratamento de afecções. Além disso, os gatos têm alguns requisitos comportamentais fundamentais que precisam ser atendidos, incluindo a capacidade de caçar, brincar e arranhar.

Estudos recentes mostram que existem diversas formas de aplicação do enriquecimento ambiental, como enriquecimento alimentar, que abrange a disponibilização e implementação de novos tipos de alimento, bem como método de entrega e oferta hídrica; enriquecimento sensorial, o qual visa à estimulação dos cinco sentidos; enriquecimento cognitivo, cujo objetivo é gerar oportunidades de exploração do meio ambiente, de forma que o animal pratique exercícios e brincadeiras; enriquecimento social, o qual tenta gerar contato entre animais da mesma espécie, com outros animais e humanos; e por fim, o enriquecimento físico, cuja função é recomendar tamanho e tipos de estruturas e disposição de utensílios (ALHO; POMBA, 2016).

Em algumas espécies animais, são utilizados indicadores de bem-estar, classificando problemas como comportamentos repetitivos anormais, também chamados de estereotípias. Essas práticas são observadas em animais que ocupam boa parte do seu tempo praticando hábitos de higiene em excesso, o que também é observado no caso dos gatos, indicando

estresse e bem-estar inadequado (TITEUX *et al.*, 2018). Os estímulos físicos e mentais produzidos pelo enriquecimento reduzem as estereotípias (TITEUX *et al.*, 2018), mas é necessário tomar cuidado para proporcionar um estímulo adequado e apropriado em relação à espécie e à condição clínica de cada indivíduo, além de promover uma rotação dos tipos de enriquecimentos disponíveis para manter o animal interessado (HEATH; WILSON, 2014).

4.1 Enriquecimento ambiental alimentar

O enriquecimento ambiental alimentar é o mais implementado, utilizando-se outras formas de apresentar e oferecer a refeição para o felino, além de introduzir outros tipos de alimentos que podem ser colocados de forma que estimule os comportamentos naturais da espécie (WESTROPP; BUFFINGTON, 2004; SADEK *et al.*, 2018). Os gatos pertencem à ordem Carnívora e a família *Felidae* e evoluíram como carnívoros estritos, ou seja, são animais que se alimentam exclusivamente de carnes e dependem de nutrientes contidos no tecido animal, como alto teor de proteínas, moderadas quantidades de gordura e pouquíssima quantidade de carboidratos (RIBEIRO; DIAS, 2010; SADEK *et al.*, 2018).

No ambiente domiciliado, os alimentos são disponibilizados para os gatos em tigelas, essas comidas são em forma de rações ou carnes preparadas, e assim eles consomem rapidamente o alimento (WESTROPP; BUFFINGTON, 2004; ELLIS, 2009). Com esse tipo de disponibilidade, os felinos domésticos não são estimulados a exercer seu comportamento natural da espécie, pois no ambiente adequado para a espécie, eles são caçadores solitários, comem de 10 a 20 vezes por dia e precisariam localizar, capturar e matar suas presas (WESTROPP; BUFFINGTON, 2004; ELLIS, 2009). Esconder os alimentos em locais diferentes dentro do ambiente doméstico incentiva o gato a exercitar o comportamento de caça (ELLIS, 2009), o que o estimula mental e fisicamente. Neste item, podem ser fornecidos brinquedos que utilizam desse engenho de esconderijo para estimular o felino na hora da alimentação (WESTROPP; BUFFINGTON, 2004; SADEK *et al.*, 2018).

Outras formas de fazer o enriquecimento ambiental alimentar é ofertar pedaços de carnes cozidas, sem adição de temperos e sal, porém deve ser recalculado o valor de ração disponível no dia que for fornecido esse alimento para o felino. Em dias com temperaturas elevadas, uma boa opção é fornecer os pedaços de carnes cozidas congeladas, além de fornecer enriquecimento alimentar também irá ajudar a minimizar o calor sentido pelo animal (WESTROPP; BUFFINGTON, 2004; SADEK *et al.*, 2018).

A introdução de rações úmidas, encontradas na forma de sachê e pastosa, é uma boa alternativa, pois além de enriquecer o ambiente alimentar, fornece ingestão hídrica. Os gatos, naturalmente, ao ingerirem suas presas na natureza conseguem um bom fornecimento de água oriundo de sua caça, assim não possuem o costume de procurar água livre (WESTROPP; BUFFINGTON, 2004; SADEK *et al.*, 2018). A utilização de fontes de água e recipientes com maiores diâmetros costumam estimular os felinos a aumentar a ingestão hídrica, pois na natureza seus ancestrais bebiam em rios, lagos, etc. As fontes hídricas também propiciam manter a água mais fresca e agradável. Além disso, alimentar os gatos em superfícies elevadas como prateleiras, estantes e até mesmo um móvel, costuma ser muito atrativo, pois assim conseguem observar melhor o ambiente, ficando mais tranquilos e confiantes, aumentando a probabilidade de uma maior ingestão alimentar e hídrica (WESTROPP; BUFFINGTON, 2004; SADEK *et al.*, 2018).

Um produto que vem ganhando bastante destaque no mercado pet é a grama plantada em vasos para disponibilizar aos animais e mesmo que os felinos domésticos não tenham muito costume de ingerir vegetais, fazem isso por prazer, por ser agradável. A oferta de grama plantada é outra maneira de fornecer enriquecimento ambiental (SADEK *et al.*, 2018).

Um quesito que precisa ser sempre observado são as condições e manutenção dos utensílios dispostos aos felinos domésticos, sendo que a limpeza e preservação destes são essenciais para o bem-estar dos animais (WESTROPP; BUFFINGTON, 2004; SADEK *et al.*, 2018).

4.2 Enriquecimento ambiental social

Segundo Dantas (2010) o enriquecimento ambiental social, tem por objetivo a interação entre os animais, tanto da própria espécie, intraespecífico (felino-felino) ou indivíduos de espécies diferentes, interespecífico (felino-homem e/ou outros animais). Essas interações devem ser supervisionadas e sempre ocorrer em ambientes calmos e tranquilos, podendo existir recompensas para as comunicações positivas. As relações tornam-se mais eficazes quando são estimuladas desde a infância do gato, período que é caracterizado pela socialização (OLIVEIRA, 2012).

Esse tipo de enriquecimento pode ser visual, onde o animal tem acesso à janela com vista para estímulos ambientais comportamentais, incluindo humanos e outros gatos (ELLIS *et al.*, 2013).

4.3 Enriquecimento ambiental físico

Enriquecimento ambiental físico se refere às mudanças dos espaços disponíveis para o animal, elas podem ser permanentes ou temporárias (ELLIS *et al.*, 2013). Para suprir necessidades dos gatos, é necessário um ambiente intenso e corretamente enriquecido (WESTROPP; BUFFINGTON, 2004; ELLIS *et al.*, 2013).

Os felinos gostam e necessitam exercer comportamentos naturais da espécie, como pular, escalar, ter conforto e segurança quando estão fora do chão. Investir em enriquecimento físico com espaços verticais, como prateleiras/estantes em diversos níveis, é uma ótima alternativa, porém é preciso manter a possibilidade de isolamento, esconderijo, fuga e descanso (ELLIS *et al.*, 2013). Essas estruturas se mostram benéficas, auxiliam na adaptação do animal a um novo ambiente, dão a ele a oportunidade de manter seu comportamento ativo e um controle maior sobre seus arredores (ELLIS *et al.*, 2013).

Tocas disponíveis pelos ambientes, no alto, e também no chão, permitem que o gato se sinta mais seguro, principalmente se tiver mais de um animal na casa, assim possibilitam um rápido esconderijo (ELLIS *et al.*, 2013).

Aumentar e distribuir melhor os recursos pelo ambiente doméstico possibilita maior privacidade e aproveitamento. É de extrema importância que os recursos considerados essenciais como vasilhas de comida, vasilhas de água, caixas sanitárias sejam posicionadas longe de janelas, portas e de uma circulação maior de pessoas e/ou outros animais (HEATH; WILSON, 2014). A distribuição é tão importante quanto a quantidade de recursos disponíveis e os gatos não devem ser forçados a ter contato visual ou físico com qualquer outro indivíduo. Os locais escolhidos para comer, beber, tomar banho, dormir devem oferecer ao felino privacidade enquanto desenvolvem essas atividades (HEATH; WILSON, 2014). Os felinos domésticos são apreciadores de janelas, se estiverem teladas, garantindo a segurança, elas são uma forma dos gatos chegarem até elas para descansar, sendo uma boa opção de agregar enriquecimento ambiental físico (ELLIS *et al.*, 2013).

Para garantir um bem-estar de todos que vivem em um mesmo ambiente, é importante que o felino possa respeitar e ser respeitado (ELLIS *et al.*, 2013).

4.3.1 Arranhadores para felinos domésticos

Os arranhadores são objetos indispensáveis para qualquer lar que possua um felino doméstico, eles são encontrados no mercado pet em diferentes formatos, como poste, horizontais, de canto de sofá, de pendurar na parede e até mesmo os feitos de troncos de árvores, os chamados arranhadores naturais (WESTROPP; BUFFINGTON, 2004; ZHANG; MCGLONE, 2020).

Assim como para os brinquedos, os tutores precisam observar seus gatos para verificar sua predileção, isso fará com que o animal os utilize mais, pois arranhar é um comportamento natural da espécie, e isso aumentará seu bem-estar além de evitar que eles arranhem os móveis da casa (ZHANG; MCGLONE, 2020).

4.3.2 Caixas de areia para felinos domésticos

As caixas de areia, além de serem essências para os gatos em reclusão em ambientes internos para as necessidades fisiológicas, são importantes para observação de alguma alteração tanto do trato gastrointestinal como doenças no trato urinário (ELLIS *et al.*, 2013; HEATH; WILSON, 2014).

O número de caixas sanitárias varia de acordo com a quantidade de gatos no ambiente doméstico. Quando vários felinos são restritos, elas devem estar localizadas em todos os ambientes para permitir o acesso sem precisarem entrar em contato com os outros gatos domésticos. O número de caixas normalmente aconselhado é de uma caixa a mais que o número de animais. O ideal é que as caixas sejam dispostas em locais de fácil acesso, tanto para entrada como para saída, assim evitando que outro animal possa utilizar o ambiente para emboscar o outro (WESTROPP; BUFFINGTON, 2004; ELLIS *et al.*, 2013; HEATH; WILSON, 2014).

Elas devem ser limpas frequentemente, cuidando com a utilização de produtos que contenham odores fortes e o tipo de areia utilizado, no qual deve ser levada em consideração a preferência do felino. Os materiais disponíveis no mercado pet são sílica, granulado higiênico, areia biodegradável e areia higiênica comum (WESTROPP; BUFFINGTON, 2004; ELLIS *et al.*, 2013; HEATH; WILSON, 2014).

4.4 Enriquecimento ambiental sensorial

No enriquecimento ambiental sensorial deve-se introduzir brinquedos que apresentem texturas, barulhos, sabores e cheiros, todos eles variados para estimular as experiências sensoriais (ELLIS; WELLS, 2010).

No mercado pet existem muitas variedades desses tipos de brinquedos, sendo importante levar em consideração a preferência individual de cada felino doméstico, sendo que nem tudo o que um animal gosta necessariamente outro irá gostar. Assim é interessante individualizar esse tipo de enriquecimento (ELLIS; WELLS, 2010).

Brinquedos que imitem as presas de forma mais real em relação a cheiros, barulhos e até mesmo o gosto, tornam-se muito mais atrativos e estimulantes para o gato (ELLIS; WELLS, 2010).

4.4.1 Feromônios como enriquecimento sensorial

Os felinos domésticos detectam diferentes odores e sinais químicos liberados por eles e por outros gatos. Esses sinais químicos são chamados de feromônios e são detectados pelo órgão vomeronasal localizado no palato duro (WESTROPP; BUFFINGTON, 2004) próximo ao septo intranasal (DEPORTER *et al.*, 2018). Essas substâncias são produzidas em várias glândulas sudoríparas localizadas no corpo e são usadas para se comunicar com outros gatos e para marcação de território. Os felinos depositam os feromônios ao friccionar sua face nos objetos ou marcação de urina ou arranhões em superfícies verticais (WESTROPP; BUFFINGTON, 2004).

Quando o feromônio é detectado por um gato, uma verificação olfativa ocorre, sendo caracterizada por uma lambida no nariz, seguida pelo olhar do gato de forma "pensativa" e "preocupada", enquanto os lábios superiores estão ligeiramente levantados e afofados, com a boca ligeiramente aberta. Essa ação é chamada de resposta *flehmen*. As moléculas de feromônio então interagem com os receptores no órgão vomeronasal, que estimula estruturas dentro do sistema límbico para alterar o estado emocional do animal ou ativar efeitos fisiológicos (DEPORTER *et al.*, 2018).

Feromônios sintéticos são hormônios sintéticos produzidos para auxiliar no bem-estar dos felinos domésticos em ambientes residenciais e consultórios veterinários. A utilização de feromônios como enriquecimento ambiental sensorial visa reduzir a ansiedade e comportamentos associados, assim como auxiliar nas interações positivas intraespecíficas

(gato-gato), bem como interespecífica (gato-humano e/ou outros animais), ajudando no bem-estar felino (WESTROPP; BUFFINGTON, 2004).

Atualmente, é possível encontrar no mercado brasileiro para os felinos o Feliway® e o Felifriend®, fabricados pela empresa CEVA®, e o Feliscratch®, fabricado pela empresa alemã Laboratoires Biosem® (HANZEL, 2014), vendido na forma de spray e como difusor (WESTROPP; BUFFINGTON, 2004). São produtos que apresentam resultados satisfatórios, e seus modos de uso variam de acordo com cada caso e animal (HANZEL, 2014).

4.5 Enriquecimento ambiental cognitivo

O enriquecimento ambiental cognitivo tem como objetivo estimular os cinco sentidos do felino doméstico: visão, audição, paladar, olfato e tato. Essa forma de enriquecimento pode ser realizada a partir de jogos e brincadeiras estimulados por objetos, tendo como intuito mimetizar a caça e estimular a brincadeira, como perseguir e atacar (ELLIS, 2009; STRICKLER; SHULL, 2014).

Existem diversos brinquedos disponíveis no mercado pet tais como objetos em que os petiscos ficam escondidos (exemplo bola “dispenser”) e o felino precisa movimentá-lo para ter acesso e assim o petisco funciona também como recompensa (WESTROPP; BUFFINGTON, 2004; STRICKLER; SHULL, 2014). Bolinha de sabão com diferentes sabores (exemplo melão) e sendo atóxico (HANZEL, 2014). O *catnip*, conhecido como “a erva do gato”, a qual é uma planta aromática que desperta o interesse dos felinos (ELLIS; WELLS, 2010; STRICKLER; SHULL, 2014). Uma forma alternativa de enriquecimento cognitivo que tem se tornado uma tendência são os jardins sensoriais, porém existem poucas publicações a respeito. Os jardins são montados com vasos contendo plantas não tóxicas para os felinos e alguns exemplos de plantas utilizadas são grama de trigo, aveia e milho, que podem ser ingeridas, o “*catnip*” para ser cheirado, rosas e girassóis para serem observados e bambu para escalar e afiar as garras (GATINHO BRANCO, 2020).

Além dos brinquedos mais conhecidos, como os ratinhos feitos com materiais e tamanhos variados, bolinhas com guizo, laser, varinhas com penas nas pontas para simular o voo de um pássaro, existem também os que funcionam a base de pilha promovendo a brincadeira quando o tutor não está disponível (WESTROPP; BUFFINGTON, 2004; STRICKLER; SHULL, 2014). Um aspecto importante a ser considerado é de intercalar os brinquedos, mantendo uma rotação para que o felino não deixe de ser estimulado, com isso os

gatos se mantêm ativos evitando o sedentarismo e os riscos que isso possa trazer para a sua saúde (ELLIS *et al.*, 2013; HEATH; WILSON, 2014; STRICKLER; SHULL, 2014).

Na Tabela 1 tem-se uma sugestão da autora para tipos de enriquecimento ambiental que podem ser utilizados em função dos comportamentos indesejáveis apresentados por felinos domésticos.

Tabela 1 – Sugestão de tipo de enriquecimento ambiental conforme o comportamento indesejável apresentado por felinos domésticos

Comportamento indesejável apresentado	Tipo de enriquecimento ambiental sugerido
Micção e/ou defecação em local inadequado	Físico
Agressividade	Físico, sensorial e/ou cognitivo
Arranhadura	Físico (arranhadores)
Alopecia psicogênica	Físico, sensorial e/ou cognitivo

Fonte: autora

5 CONCLUSÃO

A área de comportamento animal vem crescendo cada vez mais na medicina veterinária, sendo um novo campo de trabalho para os veterinários. Assim como nas outras especializações, exige conhecimento, dedicação, paciência e um profundo acompanhamento do paciente que envolve não só a estrutura de um consultório, mas vai muito além, sendo necessário entender a relação das pessoas domiciliadas com os felinos, como foi o crescimento e desenvolvimento deste paciente, bem como a estrutura disponibilizada para o animal. Ao médico veterinário cabe alertar aos futuros tutores sobre a posse responsável, sendo que essa consiste na aquisição consciente de um animal de estimação, visando atender a todas as necessidades do animal, garantindo-lhe o bem-estar satisfatório.

Os estudos referentes ao comportamento natural dos felinos indicam que na maioria das vezes o estresse está associado com outras doenças e que esses comportamentos são a maior causa de abandono de animais e eutanásia em todo o mundo.

Com base nesse trabalho, percebe-se que alguns comportamentos indesejáveis pelos tutores dos felinos domésticos podem ser evitados, melhorando a interação felino-humano.

Realizar o enriquecimento ambiental é fundamental para uma vida que valha a pena ser vivida e para promover o bem-estar, apresenta resultados imensamente satisfatórios, tanto para os felinos, como para os tutores, de maneira rápida e simples.

As informações e conhecimentos sobre o comportamento dos felinos domésticos podem transformar para melhor a vida de humanos e dos gatos e também promover a posse responsável, evitando o crescente abandono destes animais que vem ocorrendo em nível mundial.

REFERÊNCIAS

- ALHO, A. M., POMBA, J. P. C. Guardians'-knowledge and husbandry practices of feline environmental enrichment. **Journal of Applied Animal Welfare Science**, New-York, v. 19, n.2, p. 115-125, Jan. 2016. DOI: 10.1080/10888705.2015.1117976.
- AMAT, M.; CAMPS, T.; MANTECA, X. Stress in property cats: behavioral changes and welfare implications. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, London, v. 18, n. 8, p.577-586, Jun. 2015.
- BAIN, M.; STELOW, E. Feline aggression toward family members: a guide for practitioners. **Veterinary Clinics of North America Small Animal Practice**, Philadelphia, v. 44, p. 581–597, 2014.
- BARCELOS, A. M. *et al.* Common risk factors for urinary house soiling (Periuria) in cats and its differentiation: the sensitivity and specificity of common diagnostic signs. **Frontiers in Veterinary Science**, Lausanne, v. 5, p. 108, May. 2018. DOI: <https://doi.org/10.3389/fvets.2018.00108>
- BENNETT, P. C. *et al.* Assessment of domestic cat personality, as perceived by 416 owners, suggests six dimensions. **Behavioural Processes**, Amsterdam, v. 141, part 3, p. 273-283, Aug. 2017. DOI: 10.1016/j.beproc.2017.02.020.
- BORNS-WEIL, S. Inappropriate urination. **Veterinary Clinics of North America Small Animal Practice**, Philadelphia, v. 49, n. 2, p. 141-155, Mar. 2019.
- CARO, T. M. Predatory Behavior and social play in kittens. **Behavior**, Washington, DC, v. 76, n. 1- 2, p. 1-24, 1981. DOI: 10.1163/156853981X00013.
- CURTIS, T. M. Human-directed aggression on the cat. **North American Veterinary Clinics Small Animal Practice**, Philadelphia, v. 38, n. 5, p. 1131-1143, Apr. 2008.
- DANTAS, L. M. S. **Comportamento social de gatos domésticos e sua relação com a clínica médica veterinária e o bem-estar animal**. 2010. 139 f. Tese de Doutorado (Pós-Graduação em Medicina Veterinária Clínica e Reprodução Animal) - Faculdade de Veterinária, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
- DIA, S. C. G. A. **Estudo das relações materno-filiais em gatos domésticos (*felis silvestris catus*): comportamento e controle olfatório**. 2009. 112 f. Tese de Doutorado (Pós-Graduação em Ciências Veterinárias) – Faculdade de Veterinária, Universidade Estadual do Ceara, Fortaleza, 2009.
- DEPORTER, T. L. *et al.* Evaluation of the efficacy of a product vs placebo pheromone diffuser to control feline aggression in homes with several cats: a pilot study. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, London, n. 21, v. 4, p. 293-305, May 2018.
- ELLIS, S. Environmental enrichment: practical strategies for improving feline welfare. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, London, v. 11, n. 11, p. 901-912, Nov. 2009.

ELLIS, S. *et al.* AAFP and ISFM feline environmental needs guidelines. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, London, v. 15, n.3, p. 219-230, Mar. 2013.

ELLIS, S.; WELLS, D. L. The influence of olfactory stimulation on the behavior of cats housed in a rescue shelter. **Applied Animal Behavior Science**, Amsterdam, v. 123, n. 1/2, p. 56-62, Jan. 2010.

FRITSCHER, S. J.; JAMES, H. A. Declawing has no effect on biting behavior but does affect adoption outcomes for domestic cats in an animal shelter. **Applied Animal Behaviour Science**, Amsterdam, v. 180, p. 107-113, July 2016.

GATINHO BRANCO. Plante um jardim sensorial para seu gato. Araras: Recursos, 12 jan. 2020. Disponível em: <https://gatinhobranco.com/plante-um-jardim-sensorial-para-o-seu-gato/>. Acesso em: 26 out. 2020.

GAZZANO, A. *et al.* The prevention of undesirable behaviors in cats: effectiveness of veterinary behaviorists' advice given to kitten owners. **Journal of Veterinary Behavior**, New York, v. 10, n. 6, p. 535-542, Nov/Dec. 2015.

HANZEL, M. **O enriquecimento ambiental no bem-estar de cães e gatos**. 2014. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

HEATH, S.; WILSON, C. Canine and feline enrichment in the home and kennel. **Veterinary Clinics Of North America: Small Animal Practice**, Philadelphia, v. 44, n. 3, p. 427-449, May. 2014.

HORTIZ, D. F.; NEILSON, J. C. **Comportamento canino e felino**. Oxford: Blackwell, 2007.

HORWITZ, D. F.; RODAN, I. Behavioral awareness in the feline consultation: understanding physical and emotional health. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, London, v. 20, n.5, p. 423-436, May 2018.

INSTITUTO PET BRASIL. **Censo pet**: 139,3 milhões de animais de estimação no Brasil. São Paulo: Pro - Assessoria de Imprensa, 12 jun. 2019. Disponível em: http://institutopetbrasil.com/im_prensa/censo-pet-1393-milhoes-de-animais-de-estimacao-no-brasil/. Acesso em: 19 fev. 2020.

JONGMAN, E. C. Adaptation of the domestic cat to confinement. **Journal of Veterinary Behavior**, New York, v. 2, n. 6, p. 193-196, Nov./Dec. 2007.

LANDSBERG, G.; HUNTHAUSEN, W.; ACKERMAN, L. **Problemas comportamentais do cão e do gato**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2005.

MCGLONE, J. J. *et al.* Maternal-neonatal pheromone/interomone added to cat litter improves litter box use and reduces aggression in pair-housed cats. **Journal of Applied Animal Welfare Science**, London, v. 22, n. 2, p. 127-138, Mar. 2018

MILLS, D. S. *et al.* Pain and problematic behavior in dogs and cats. **Animals**, Basel, v. 10, n. 2, p. 318, Feb. 2020. DOI: 10.3390/ani10020318.

MORGAN, M.; HOUPPT, K. A. Feline behavior problems: the influence of declawing. **Anthrozoös**, Hanover, v. 3, n. 1, p. 50-53, Mar. 1989. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Katherine_Houpt/publication/233583335_Feline_Behavior_Problems_The_Influence_of_Declawing/links/5420b9650cf203f155c5e9b9/Feline-Behavior-Problems-The-Influence-of-Declawing.pdf. Acesso em: 20 out. 2020.

OLIVEIRA, A. S. **Uso do espaço por gatos confinados: o papel modulatório do enriquecimento ambiental**. 2012. 80 f. Tese de Mestrado (Ciências área de psicobiologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e letras de Ribeirão preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2012.

OLIVEIRA, A. F. M. *et al.* O processo de domesticação no comportamento dos animais de produção. **PUBVET**, Londrina, v. 5, n. 31, p. 1204, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Ana/Downloads/o-processo-de-domesticaccedilatildeo.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

OVERALL, K. L. Paradigms for pharmacologic use as a treatment component in feline behavioral medicine. **Journal of Feline Medicine & Surgery**, London, v. 6, n. 1, p. 29-41, Feb. 2004.

PAZ, J. E. G.; MACHADO, G.; COSTA, F. V. A. Fatores relacionados a problemas de comportamento em gatos. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 11, p. 1336-1340, nov. 2017.

RAMOS, D. *et al.* A Controlled comparison by cases of behavior levels of excitation in spraying urine and latrining cats. **Animals**, Basel, v. 10, n. 1, p. 1-14, Jan. 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Ana/Downloads/animals-10-00117-v2.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

RAMOS D., PAULINO D. N. E RECHE-JUNIOR A. Agressão entre gatos: relato de dois casos de um dos problemas mais representativos de comportamento visto por especialista em medicina veterinária comportamental. **Caes e Gatos Vet Food**, Sorocaba, v. 31, n. 191, p. 48-58, jul. 2015.

RIBEIRO, L.; DIAS, L. G. G. Aspectos nutricionais de gatos domésticos (*Felis silvestres catus*): considerações sobre metabolismo, fisiologia e morfologia. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, São Paulo, ano 7, n. 15, jul. 2010. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/drFGQGya8MHC3X1_2013-6-25-16-40-40.pdf. Acesso em: 20 out. 2020.

SADEK, T. *et al.* Feline feeding programs addressing behavioral needs to improve feline health and well-being. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, Newbury Park, v. 20, n. 11, p. 1049-1055, Oct. 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1098612X18791877>. Acesso em: 20 out. 2020.

STELLA, J.; CRONEYA, C.; BUFFINGTONB, T. Effects of stressors on the behavior and physiology of domestic cats. **Applied Animal Behaviour Science**, Amsterdam, v. 143, n. 2/4, p. 157-163, Jan. 2013.

- STRICKLER, B. L.; SHULL, E. A. An owner survey of toys, activities, and behavior problems in indoor cats. **Journal of Veterinary Behavior**, New York, v. 9, n. 5, p. 207-214, Sept./Oct. 2014.
- TALAMONTI, Z.; CANNAS, S.; PALESTRINI, C. A case of tail self-mutilation in a cat. **Macedonian Veterinary Review**, Skopje, v. 40, n. 1, p. 103-107, Mar. 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/Ana/Downloads/\[18577415%20-%20Macedonian%20Veterinary%20Review\]%20A%20Case%20of%20Tail%20Self-Mutilation%20in%20a%20Cat.pdf](file:///C:/Users/Ana/Downloads/[18577415%20-%20Macedonian%20Veterinary%20Review]%20A%20Case%20of%20Tail%20Self-Mutilation%20in%20a%20Cat.pdf). Acesso em: 20 out. 2020.
- TITEUX, E. *et al.* From feline idiopathic ulcerative dermatitis to feline behavioral ulcerative dermatitis: grooming repetitive behaviors indicators of poor welfare in cats. **Original Research**, Lausanne, v. 5, n. 81, Apr. 2018. DOI: 10.3389/fvets.2018.00081.
- WEST, M. Social play in the domestic cat. **American Zoologist**, Utica, v. 14, n. 1, p. 427-436, Feb. 1974. DOI: 10.1093/icb/14.1.427.
- WESTROPP, J. L.; BUFFINGTON, C. A. T. Feline idiopathic cystitis: current understanding of pathophysiology and management. **Veterinary Clinics Small Animal Practice**, Philadelphia, v. 34, n. 4, p. 1043-1055, July 2004.
- YOUNG, R. J. **Environmental enrichment for captive animals**. Hoboken: Blackwell, 2003.
- ZHANG L.; MCGLONE J. J. Scratcher preferences of adult domestic cats and effects of olfactory supplements on cat scratches. **Applied Animal Behavior Science**, Amsterdam, v. 227, n. 8, p. 691-699, June 2020.